

A ressurreição de Lázaro (Jo 11,1-46): Da doença à morte. Da morte à vida

Bernardo Corrêa d'Almeida*

O texto de Jo 11,1-46

11 ¹ Estava doente um certo homem, Lázaro, de Betânia, povoação de Maria e de sua irmã Marta. ² Maria era aquela que tinha ungido o Senhor com perfume e lhe tinha enxugado os pés com os cabelos; seu irmão Lázaro estava doente. ³ As suas irmãs mandaram dizer-lhe: "Senhor, aquele de quem gostas está doente." ⁴ Ouvindo isto, Jesus disse: "Essa doença não é para a morte, mas para a glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por meio dela." ⁵ Jesus amava Marta, sua irmã e Lázaro. ⁶ Quando ouviu dizer que estava doente, permaneceu ainda dois dias no lugar onde se encontrava.

⁷ Depois disto, disse aos discípulos: "Vamos de novo à Judeia." ⁸ Os discípulos perguntaram-lhe: "Rabi, ainda agora os judeus procuravam lapidar-te e vais para lá outra vez?" ⁹ Jesus respondeu-lhes: "Não são doze as horas do dia? Se alguém caminha de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo; ¹⁰ mas se alguém caminha de noite, tropeça, porque a luz não está nele." ¹¹ Tendo dito

* Professor da UCP Porto.

isto, acrescentou: "O nosso amigo Lázaro adormeceu, mas vou despertá-lo."¹² Os discípulos exclamaram: "Senhor, se adormeceu, salvar-se-á!"¹³ Porém, Jesus falara da sua morte e eles supuseram que tinha falado do repouso do sono.¹⁴ Então, Jesus disse-lhes abertamente: "Lázaro morreu."¹⁵ E alegro-me por vós de não ter estado lá, para que venhais a acreditar. Mas vamos ter com ele!"¹⁶ Então, Tomé, chamado Dídimo, disse aos condiscípulos: "Vamos nós também para morrermos com ele."

¹⁷ Quando Jesus chegou, encontrou-o sepultado havia já quatro dias.¹⁸ Betânia estava perto de Jerusalém, a uns quinze estádios.¹⁹ Muitos judeus tinham vindo ter com Marta e Maria para as consolar pelo irmão.²⁰ Quando Marta ouviu dizer que Jesus vinha, foi ao seu encontro. Maria ficou sentada em casa.²¹ Então, Marta disse a Jesus: "Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido."²² Mas também agora sei que tudo quanto pedires a Deus, ele to dará."²³ Jesus afirmou-lhe: "Teu irmão ressuscitará."²⁴ Marta respondeu-lhe: "Sei que ressuscitará na ressurreição no último dia!"²⁵ Jesus declarou-lhe: "Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem acredita em mim, ainda que morra, viverá."²⁶ E todo aquele que vive e acredita em mim nunca morrerá. Acreditas nisso?"²⁷ Ela respondeu-lhe: "Sim, Senhor, eu acredito que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que vem ao mundo."

²⁸ Tendo dito isto, foi e chamou Maria, sua irmã, dizendo-lhe baixinho: "O Mestre está cá e chama-te."²⁹ Assim que ela ouviu isto, levantou-se rapidamente e foi ter com ele.³⁰ Jesus não tinha chegado à povoação, estava ainda no lugar onde Marta lhe viera ao encontro.³¹ Quando os judeus, que estavam em casa com ela, consolando-a, viram Maria levantar-se rapidamente e sair, seguiram-na, supondo que fosse ao sepulcro para aí chorar.³² Quando Maria chegou ao lugar onde Jesus estava, vendo-o, prostrou-se a seus pés e disse-lhe: "Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido."

³³ Quando Jesus a viu chorar e aos judeus que a acompanharam a chorar também, comoveu-se interiormente e perturbou-se.³⁴ E perguntou: "Onde o colocaram?" Responderam-lhe: "Senhor, vem e vê."³⁵ Jesus chorou.³⁶ Os judeus, então, exclamaram: "Vede como gostava dele!"³⁷ Alguns deles perguntaram: "Não podia este, que abriu os olhos ao cego, fazer também com que ele não morresse?"

³⁸ Jesus, de novo, comoveu-se interiormente e veio ao sepulcro: era uma gruta, e tinha uma pedra colocada sobre ela.³⁹ Jesus disse: "Retirai a pedra." Marta, a irmã do morto, disse-lhe: "Senhor, já cheira mal: é o quarto dia!" Jesus perguntou-lhe: ⁴⁰ "Não te disse que, se acreditares, verás a glória de Deus?" ⁴¹ Então retiraram a pedra. Jesus levantou os olhos ao alto e disse: "Pai, dou-te graças por me teres ouvido."⁴² Eu sabia que me ouves sempre, mas disse-o pela multidão que me rodeia, para que acreditem que tu me enviaste."⁴³ Tendo

dito isso, bradou em alta voz: "Lázaro, vem para fora." ⁴⁴ O morto saiu com as mãos e os pés ligados com vendas e com o rosto envolto num sudário. Jesus disse-lhe: "Libertai-o e deixai-o andar."

⁴⁵ Então muitos dos judeus que tinham vindo ter com Maria, vendo o que ele fizera, acreditaram nele. ⁴⁶ Alguns deles, porém, dirigiram-se aos fariseus e disseram-lhes aquilo que Jesus fizera.

Enquadramento de Jo 11,1-46 no quarto Evangelho

A estrutura basilar do testemunho joanino é bastante simples:

Introdução (1,1-51)

I – A vida pública de Jesus (2,1-12,50)

II – A última ceia (13,1-17,26)

III – A glorificação do Rei dos Judeus (18,1-19,42)

Conclusão (20,1-21,25)

O texto do quarto Evangelho começa com uma magistral introdução composta por um prólogo poético (cf. 1,1-18) e um prólogo narrativo (cf. 1,19-51). A introdução serve de abertura, de resumo e de chave de leitura do Evangelho.

A vida pública de Jesus decorre ao longo dos capítulos 2-12 em três principais etapas, onde, resumidamente, o Unigénito de Deus: 1) chama o povo à unidade em Deus para salvar o mundo (cf. 2,1-4,54); 2) revela a vida do Pai (cf. 5,1-8,59); 3) manifesta a vida do Pai (cf. 9,1-12,50).

A Última Ceia descrita em cinco capítulos (13,1-17,26), praticamente uma quarta parte do testemunho joanino, é uma autêntica comunicação da vida de Jesus àqueles que o escutam feita através de dois discursos e de uma oração dirigida ao Pai pela unidade dos seus discípulos.

A glorificação do Rei dos Judeus é testemunhada em 18,1-19,42. Depois de Jesus se entregar ao seu povo (cf. 18,1-14) e de enfrentar Anás, enquanto Pedro o nega por três vezes (cf. 18,15-27), o Senhor é entregue por Pilatos aos judeus como Rei (cf. 18,28-19,16). Então, em 19,17-42, consuma-se o Evangelho joanino com a glorificação do Salvador do mundo.

O Evangelho termina com a conclusão em 20,1-21,25, composta por dois epílogos. Em síntese, no primeiro epílogo, o capítulo 20, o autor testemunha a manifestação do Senhor Jesus glorificado na unidade dos discípulos. No segundo epílogo, o capítulo 21, o Senhor manifesta-se nos discípulos, atraindo o mundo inteiro à sua vida em Deus.

O quarto Evangelho

- 1,1-51 Introdução**
 1,1-18 Prólogo poético
 1,19-51 Prólogo narrativo
- 2,1-12,50 I – A vida pública de Jesus**
 2,1-4,54 Jesus chama o povo à unidade em Deus para salvar o mundo
 5,1-8,59 Jesus revela a vida do Pai
 9,1-12,50 Jesus manifesta a vida do Pai
- 13,1-17,26 II – A última Ceia**
 13,1-35 O Senhor quer levar os discípulos ao Pai
 13,36-14,31 Primeiro discurso de Jesus
 15,1-16,33 Segundo discurso de Jesus
 17,1-26 A oração do Filho ao Pai pela unidade dos seus
- 18,1-19,42 III – A glorificação do Rei dos Judeus**
 18,1-19,16 O caminho para a glória do Filho de Deus
 19,17-42 A glorificação do Rei dos Judeus
- 20,1-21,25 Conclusão**
 20,1-31 Jesus manifesta-se na unidade dos discípulos (1.º epílogo)
 21,1-25 O Senhor manifesta-se ao mundo na unidade dos seus (2.º epílogo)
-

Enquadramento de Jo 11,1-46 em 9,1-12,50

No seguimento da grande revelação de Jesus (cf. 5,1-8,59), nos capítulos 9-12, o Unigénito de Deus manifesta a vida do Pai naqueles que acolhem a sua palavra. Esta nova etapa da vida do Filho de Deus entende-se à luz de uma verdade vital: Jesus é o lugar de encontro do povo com Deus, pois ele e o Pai são 'um' (cf. 8,58; 10,22-39).

Assim sendo, naqueles que, como o cego de nascença (cf. 9,1-41) e Lázaro (cf. 11,1-46), acolhem a palavra de Jesus, é manifestada a vida de Deus; e naqueles que, como alguns líderes judeus (cf. 10,1-6), não acolhem a palavra

de Jesus, são manifestadas as obras de satanás e, por isso, são contra o Bom Pastor, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

Portanto, os capítulos 9, 10 e 11 formam uma unidade literária centrada na manifestação do Filho de Deus. Cada um dos capítulos é marcado por uma significativa oposição: ver e não ver (cap. 9); reunir e dispersar (cap. 10); viver e morrer (cap. 11). No capítulo 12, chegada a hora do Senhor, completa-se a sua vida pública e prepara-se a sua glorificação.

No capítulo 9, onde realiza o sexto sinal, Jesus começa por abrir os olhos a um cego e por revelar o pecado naqueles que *veem*. Desse modo, aquele que disse ser a Luz do mundo (cf. 8,12) marca como ponto de partida da sua manifestação a necessidade de o povo *ver* como ele *vê* Deus.

No capítulo 10, Jesus manifesta ser *o lugar* onde o povo encontra Deus, pois ele e o Pai são 'um'. Por isso, diz-nos o Unigénito, ele é a Porta das ovelhas, é o Bom Pastor, e quem se apascenta a si mesmo é ladrão e dispersor.

No capítulo 11, o Senhor manifesta a sua glória, ressuscitando Lázaro (cf. 11,1-46), o sétimo e derradeiro sinal do Filho de Deus. Em seguida, o sinédrio *decide* matá-lo (cf. 11,47-53) e ele retira-se para Efraim (cf. 11,54-57).

O capítulo 12 confirma-nos que Jesus vai a caminho da sua hora: 1) a comunidade em Betânia unge-o como *Senhor* (cf. 12,1-11); 2) o povo em Jerusalém acolhe-o como *Rei* (cf. 12,12-19); 3) o mundo procura-o como *Salvador* (cf. 12,20-36). No auge da descrença da multidão e do medo dos chefes dos judeus em confessar a fé (cf. 12,37-43), Jesus chama todos a acreditar na sua palavra (cf. 12,44-50).

A ressurreição de Lázaro (11,1-46)

Depois de manifestar em quem acolhe a sua palavra o poder de *ver* Deus como ele o *vê* (cf. 9,1ss) e de manifestar a sua vida no Pai como o lugar de unidade do povo (cf. 10,1ss), no capítulo 11, Jesus manifesta em Lázaro a vida de Deus (cf. 11,1-44). Como resposta ao sétimo e derradeiro sinal do Senhor, muitos judeus, vendo o que ele fazia, acreditaram; outros, porém, dirigiram-se aos fariseus (cf. 11,45-46). Então, o sinédrio reúne-se para decidir a sua morte (cf. 11,47-53) e, depois, Jesus retira-se para completar a sua missão (cf. 11,54-57).

A ressurreição de Lázaro (11,1-46)

- 11,1-6: A doença de Lázaro
11,7-16: Jesus vai com os discípulos a Betânia
11,17-27: Marta e a Ressurreição e a Vida
11,28-32: Maria conduz os judeus a Jesus
11,33-37: Maria, os judeus e Jesus choram
11,38-44: Jesus ressuscita Lázaro
11,45-46: Muitos acreditam, alguns dirigem-se aos fariseus
-

A doença de Lázaro (11,1-6)

O autor joanino começa por apresentar-nos Lázaro, em torno de quem se desenrola a ação até 12,11. Lázaro estava doente (cf. 11,1) e a sua doença já desperta o nosso olhar para a unção, que uma das suas irmãs, Maria, fez (fará) a Jesus (cf. 12,1-11).

O pedido das irmãs de Lázaro enviado a Jesus (*“Senhor, aquele de quem gostas está doente.”* – 11,3), introduz três elementos vitais no texto: 1) Jesus é o Senhor; 2) o amor é o elo que une Jesus e Lázaro; 3) Lázaro está doente e, como veremos, a sua doença levá-lo-á à morte e, depois, à vida.

No versículo 5, o autor insiste em colocar o evento no domínio do amor: *Jesus amava Marta, sua irmã e Lázaro* (11,5). Efetivamente, de acordo com o quarto Evangelho, o poder (ou o conteúdo da vida) de Jesus é o amor do Pai (o autêntico amor recíproco), que se realiza em quem o recebe como vida, e essa é a glória de Deus (cf. 11,4.40). Na realidade, Lázaro prepara a aparição do discípulo amado, aquele que, como o irmão de Maria e de Marta, recebe a vida de Jesus e vive sempre em relação com o Unigénito.

Como é característico no quarto Evangelho, para melhor avaliarmos o sentido do nosso texto, importa atender ao sentido binário das oposições, dos simbolismos, das ironias e dos mal-entendidos que o atravessam para alcançarmos o poder da palavra que nos é dada. Esse ritmo semântico binário, que se expressa de diversas maneiras, além de constituir uma característica do autor, baseia-se na compreensão diferenciada que as diversas personagens e o autor joanino têm de Jesus.

Para o autor joanino, os sinais de Jesus manifestam a glória do Pai e do Filho em quem acredita. Para aqueles que não reconhecem o Unigénito de Deus e que, por isso, o menosprezam, os sinais do Filho tornam-se um drama,

porque o seu pensar leva-os ao medo e o medo destes leva-os a quererem eliminar o Salvador do mundo (cf. 4,42). Não obstante, Jesus assegura-nos a Ressurreição e a Vida; porém, para a termos, é necessário morrer, morrer das doenças deste mundo.

Por isso, Jesus permanece dois dias onde estava (cf. 11,6) para no terceiro dia manifestar a Ressurreição e a Vida em Lázaro (cf. 11,17ss; 20,1ss). Desse modo, o autor joanino confirma que Jesus é Senhor da história que os líderes judeus pensavam orquestrar (cf. 10,39-42; 11,47-53) e Senhor da história que a família de Betânia vivia (cf. 11,1-12,11).

Portanto, o texto convida-nos, desde o início, a fazer uma opção entre a história pensada pelos homens (e a história eventualmente por nós pensada) e a história da salvação recriada pela ação da palavra de Jesus.

Nesse sentido, como será evidente ao longo de toda a ação, os versículos 1-46 não nos dão apenas a conhecer Lázaro, que Jesus, no decorrer da sua vida pública, ressuscitou dos mortos. A verdadeira cura e a autêntica ressurreição de Lázaro brotam da glorificação de Jesus. Tanto assim que, relendo a experiência de Lázaro, esta é-nos dada como testemunho de vida para que, acreditando, vivamos curados e tenhamos a vida (cf. 20,30-31).

Para o autor joanino, em Jesus glorificado encontra-se a totalidade da vida, sem a qual nada existe (cf. 1,1-5; 1Cor 8,5-6; Cl 1,15-17). O Senhor, o Logos feito carne ressuscitado, é o único vivente absolutamente vivo e, por isso, vivificante de todo o ser (cf. Gn 2,7.9). A Palavra viva de Jesus é a plenitude de vida de tudo aquilo que existe. No princípio *tudo era bom e o homem muito bom* (cf. Gn 1,4ss); em Cristo, o ser humano encontra e vive a sua plenitude, viver como filho de Deus¹.

De facto, a glorificação de Jesus (cf. 19,17-42), segundo o autor joanino, é um eterno e vivo evento comunicativo para todos aqueles que se dispõem a escutá-lo. Da glória de Jesus, brotam três frutos vitais: 1) o Rei dos Judeus venceu o dominador do mundo (satánas) que perdeu o seu poder e que ficou manietado, lutando contra si mesmo; 2) o Salvador do mundo concedeu ao género humano o poder de ser filho de Deus, atraindo-o à sua vida no Pai; 3) aqueles que acolhem a vida comunicada pelo Senhor vivem como filhos de Deus.

Por isso, a partir do momento em que recebe a vida do Unigénito, Lázaro passa a ser apresentado como aquele que Jesus ressuscitou dos mortos (cf. 12,1.9). Aliás, o irmão de Maria e de Marta nunca fala no Evangelho e surge sempre em relação com Jesus.

¹ Cf. G. Theissen, *Die Religion der ersten Christen. Eine Theorie des Urchristentums* (Gütersloh 2000) 56ss.

O silêncio de Lázaro é, por um lado, o lugar onde a palavra de vida eterna do Senhor encontra morada para o ressuscitar e para lhe dar a vida, e, por outro, o seu silêncio, mais do que qualquer outra palavra, fala-nos na própria vida de Lázaro, sinal vivo da palavra de Deus recebida. Efetivamente, para o autor joanino, assim como para 'ver' é necessário 'ser cego' (cf. 9,1ss) e para 'viver' é preciso 'morrer' (cf. 11,1ss), assim, para 'acolher a palavra', é preciso 'silenciar as palavras deste mundo'.

Em verdade, Lázaro aparece particularmente unido à vitória de Jesus, pois foi o único, entre aqueles que caminharam com o Senhor, que foi ressuscitado pelo poder de Deus e que foi condenado à morte pelas autoridades. A experiência de Lázaro confirma ainda as palavras de Jesus: "*Chegará a hora em que aquele que vos matar pensa que oferece culto a Deus*" (16,2).

Jesus vai com os discípulos a Betânia (11,7-16)

Os versículos 7-16 começam com o desejo inicial de Jesus: "*Vamos de novo à Judeia*" (11,7), e terminam com o desejo de Tomé: "*Vamos nós também para morrermos com ele*" (11,16). Importa, por isso, atendermos à sucessão dos verbos de movimento nos versículos 7-16: – "**Vamos** de novo à Judeia." (11,7) → "... e **vais** para lá outra vez?" (11,8) → "*Se alguém **caminha** de dia, não **tropeça**...*" (11,9) → "... *mas se alguém **caminha** de noite, **tropeça**...*" (11,10) → "... *mas **vou** despertá-lo.*" (11,11) → "*Mas **vamos** ter com ele!*" (11,15) → "*Então, Tomé, chamado Didimo, disse aos condiscípulos: **Vamos** nós também para morrermos com ele.*" (11,16).

Mesmo sendo perseguido, como lhe lembram os discípulos (cf. 11,8), o Salvador do mundo (cf. 4,42) deseja regressar à Judeia para cumprir a sua missão. Como recorda Jesus, quem caminha com ele tem a luz e não teme, pois ele é a Luz do mundo (cf. 11,10; 8,12; 9,4ss). Assim, o Unigénito revela, uma vez mais, o seu poder e o seu desejo de nos dar a vida no Pai.

Em verdade, Jesus é a luz do ser humano (cf. 8,12); ou seja, a vida dada por Jesus, toda contida e inesgotável na sua Palavra, o princípio de todas as criaturas (cf. Sl 119,105), é para nós, ela mesma, o conteúdo realizador da nossa existência (cf. Pr 8,22-31; Sb 6-9). A palavra de Jesus ressuscitado sacia, realiza, ilumina, conduz, pois é a vida das nossas vidas (cf. 4,1ss; 6,1ss).

Sabendo da morte de Lázaro, Jesus refere-se a ela como a um sono, pois sabia que iria acordá-lo, ou seja, levá-lo à vida (cf. 11,11; 4,15; At 7,60; 13,36; Ef 5,14). Porque o Logos feito carne é a vida dos homens (cf. 1,1-5), Jesus refere-se ainda à sua alegria, não por Lázaro, mas por poder levar a humanidade a acreditar (cf. 11,15). De tal modo que o texto fala-nos da morte de Jesus (cf.

11,8), da morte de Lázaro (cf. 11,11-14) e da morte dos discípulos (cf. 11,16) em vista da vida de todos em Deus².

O Bom Pastor designa Lázaro como “o nosso amigo” (11,11), pois quer inserir os seus discípulos no seu domínio de amor (cf. 13,1ss; 21,15-19). Num *nós coral*, após a sua indecisão inicial (cf. 11,8), Tomé dispõe-se a seguir o Bom Pastor (cf. 11,16), sem perceber que Jesus ia para a vida e não para a morte.

Tomé vai a caminho da autêntica confissão de fé, pois a sua intervenção no versículo 16 antecede: 1) o seu desejo de conhecer o caminho de Jesus (cf. 14,4-6); 2) a sua dispersão da comunidade (cf. 20,19-24); 3) o seu não acreditar na palavra dos discípulos (cf. 20,25); 4) o seu desejo de tocar o ressuscitado (cf. 20,25-27); 5) a sua confissão: “*Meu Senhor e meu Deus*” (20,28); 6) a sua nomeação entre os que estão com Pedro na barca (cf. 21,2). Resumindo, Tomé será de tal modo iluminado, que a ele Jesus dirá: “*Felizes os que acreditaram sem terem visto*” (20,28), pois vivem iluminados.

Jesus e o Pai são ‘um’ (cf. 10,22-39) e Tomé unir-se-á a Jesus (cf. 20,28), e essa é a verdadeira iluminação. Assim, torna-se claro como a ação testemunhada em 11,1ss quer-nos guiar para a hora da glorificação do Senhor: os discípulos temiam ir à Judeia; Tomé pensa que vai para a morte; Jesus vai conduzir os discípulos à vida; Lázaro é testemunha excelente para todos aqueles que vivem de Jesus glorificado.

Marta e a Ressurreição e a Vida (11,17-27)

Jesus aproximou-se de Lázaro, que se encontrava havia quatro dias no sepulcro, ou seja, realmente no domínio da morte. O autor joanino anuncia-nos aquilo que a própria irmã do morto nos dirá no versículo 39: “*Senhor, já cheira mal: é o quarto dia!*”

Os quinze estádios (três quilómetros) entre Betânia e Jerusalém e os muitos judeus que vieram consolar Marta e Maria (cf. 16,22) não só colocam Jerusalém em relação com Betânia, como permitem ao autor apresentar-nos o movimento de muitos judeus que vêm da primeira para a segunda cidade. .

Marta ouviu que Jesus vinha e foi ao seu encontro, enquanto Maria ficou sentada em casa (cf. 11,20). Marta chama Jesus de *Senhor* e confia-lhe tudo: 1) antes podia ter evitado que o irmão morresse; 2) agora podia fazer o que quisesse (cf. 11,21-22). Marta está totalmente aberta para acreditar e percebe que Jesus deseja apenas realizar a vontade de Deus (cf. 11,22).

² Cf. G. Ferraro, *La Gioia di Cristo* (Vaticano 2000) 67ss.

O Senhor diz-lhe: “*Teu irmão ressuscitará*” (11,23). Ela acredita na ressurreição no último dia (cf. v. 24; 6,39ss; Mc 12,18ss). Porém, Jesus acrescenta: “*Eu sou a Ressurreição e a Vida*” (11,25). Marta acreditava na ressurreição futura (cf. 11,24), mas o Unigénito fala-nos da Ressurreição presente na sua vida: quem acredita nele, mesmo se morre, vive. O discípulo amado entende o *acreditar* (cf. 11,25) e o *viver* (cf. 11,26) no ser presente, que Marta encontra no Filho de Deus.

O “*Eu sou*” (11,25) é a fórmula de revelação, que evoca o nome de Deus, dada a Moisés (cf. Ex 3,14). Assim, unida às restantes seis autoproclamações do Senhor (cf. 6,35; 8,12; 10,9.11; 14,6; 15,1), o Filho assume ser a Ressurreição e a Vida.

O Unigénito do Pai (cf. 1,14c) vem e vive de Deus comunicando o que é: a sua unidade de vida em Deus. O discípulo amado insiste de diversos modos que quem vê o Filho vê o Pai, que as obras do Filho são as do Pai, que as palavras do Filho são as do Pai, que a glória do Filho é a do Pai, para que nessa sua perfeita relação de unidade em Deus sejamos nós³.

O Logos feito carne comunica-se em quem acredita como fonte jorrando para a vida (cf. 4,14.46-52), como revela no seu primeiro sinal (cf. 2,1-12), no decorrer da sua vida (cf. 5,20ss; 6,22ss; 10,1ss) e no seu sinal culminante (cf. 11,1ss). O Filho, nosso irmão, fala-nos da sua relação no Pai, perfeitamente manifestada na sua *hora* (cf. 19,17-42). Então, a glória de Jesus habita em nós na medida em que a acolhemos. Pois acolher a Palavra faz-nos ser como ela é, vida em Deus, filhos amados, irmãos que se amam reciprocamente.

Jesus pergunta a Marta: “*Acreditas nisso?*” (11,26). Marta acredita de tal modo, que, parecendo esquecida do que tinha pedido a Jesus, tudo o que pudesse desejar encontra nele: o Senhor, o Cristo, o Filho de Deus, o Enviado, a Ressurreição e a Vida (cf. 11,27; 20,31). Marta encontra a Ressurreição e a Vida diante do seu olhar, no tempo presente, como a realidade mais evidente e segura da sua existência.

O autor recorda que a salvação não é, essencialmente, um acontecimento do passado nem uma expectativa do futuro, mas sim, sobretudo, uma experiência salvífica que se realiza no encontro real e presente com a palavra de Jesus, a Ressurreição e a Vida.

Em verdade, a Palavra viva do Senhor é o conteúdo unificante de todo o quarto Evangelho, de tal modo que o texto joanino foi concebido como um *ventre* (*kolpos* – 1,18; 13,23; 19,35) onde são gerados aqueles que vivem do alto (cf. 1,13; 3,1ss; 16,21; 20,31). A Palavra que Jesus nos dá é a vida do Pai, pois ele é o seu Filho Unigénito. O Filho nunca é só, age sempre em comunhão com o Pai (cf. 8,29) e assim manifesta a plenitude da condição humana: viver em unidade com Deus.

³ Cf. C. V. Malzoni, «Moi, Je suis la résurrection», RB 106 (1999) 421-440.

Maria conduz os judeus a Jesus (11,28-32)

Marta chamou a sua irmã Maria em segredo (cf. 11,28). A intimidade e a atração de amor entre Jesus e aquela família são evidentes. O autor confirma-o ao descrever, por duas vezes, a prontidão de Maria ao levantar-se para ir ao encontro de Jesus (cf. 11,29.31) e, depois, quando faz referência à prostração de Maria diante do Senhor (cf. 11,32).

Não obstante Jesus ter caminhado dois dias, não obstante a multidão encontrar-se em casa e Lázaro estar morto no sepulcro, Maria encontrou o Senhor no lugar onde Marta estivera. Maria conduz a esse lugar os judeus. Seguiam-na para a consolar, veriam o Consolador em Cristo (cf. 11,43-44; 9,1ss; 14,16.26; 15,26; 16,7). Aqueles judeus pensavam que Jesus ia ao sepulcro para chorar a morte do amigo. Na realidade, verão a Ressurreição e a Vida manifestar-se em Lázaro.

Tendo chegado a Jesus, vendo-o, Maria caiu a seus pés, repetiu parte das palavras da irmã (cf. 11,21), e as outras expressou-as na sua atração de amor ao Senhor. Assim sendo, o encontro anterior entre Marta e Jesus manifestou o poder de o Logos feito carne ser e o de dar a Ressurreição e a Vida quando a sua palavra é acolhida (cf. 11,17-27). O encontro entre Maria e Jesus manifesta como o acolhimento do Logos feito carne atrai outros ao Filho, aquele que é o lugar por excelência de encontro da humanidade com Deus, aquele que é a Ressurreição e a Vida.

Desse modo, o autor esclarece-nos que Jesus Cristo é a verdadeira fonte de Água viva (cf. 4,1ss), a autêntica Videira (cf. 15,1ss) que jorra em todos aqueles que se dispõem a acolher a vida de Deus que ele comunica plenamente.

Na realidade, sem essa tomada de consciência, ou melhor, sem uma disposição a viver da Água viva, que corre dentro do ser humano, recorda-nos o texto, a doença de Lázaro não *morreria* e Lázaro não ressuscitaria. Por outras palavras, sem bebermos a Água viva, as nossas doenças não serão saradas e a nossa morte não é ressuscitada nem vivificada.

Maria, os judeus e Jesus choram (11,33-37)

No versículo 33, o autor diz-nos que Jesus se comoveu interiormente (*embrimaomai*), ou seja, o Senhor *tremeu* dentro de si contra a morte que dominava a humanidade. Jesus tremeu pela humanidade inteira e contra o mal que a subjugava. O verbo *embrimaomai* (11,33.38) – que podemos traduzir por *comover*, *irar*, *tremar* – exprime indignação interior.

O Filho de Deus, revela-nos ainda o autor, perturbou-se (*tarássu* – 11,33). O Unigénito voltar-se-á a *perturbar* (*tarássu*) com a chegada da hora (cf. 12,27)

e com o anúncio de que um dos discípulos o entregaria (cf. 13,21). Com efeito, o autor confirma que Jesus estava em confronto com satanás.

O Bom Pastor perguntou onde tinham colocado Lázaro. Eles responderam-lhe: “*Senhor, vem e vê*” (11,34). O primeiro desejo apresentado aos discípulos pelo Mestre no testemunho tinha sido: “*Vinde e vede*” (1,39). Agora, o Filho corresponde à chamada dos seus amigos para nos dar a vida, indicando-nos o caminho a seguir para o Pai⁴.

Jesus chorou por saber que o amor venceu a morte e, sobretudo, chorou por ver os amigos impotentes diante da morte. Nesse sentido, alguns confirmam o amor de Jesus por Lázaro e outros asseguram que ele estava morto: “*Não podia este, que abriu os olhos ao cego, fazer também com que ele não morresse?*” (11,37; cf. Mt 27,42).

O autor utiliza dois verbos distintos: um para definir o *choro* de Maria e dos judeus (*klaió* – 11,31.33); outro para apresentar o *choro* de Jesus (*dakruó* – 11,35). O verbo *klaió* surge diversas vezes no quarto Evangelho (cf. 11,31.33; 16,20; 20,11ss) e no NT (cf. Mc 5,38; Rm 12,15; Ap 18,15). O verbo *dakruó* no NT só aparece no versículo 35, descrevendo o chorar de Jesus. Maria e os judeus choram de tristeza e por se verem impotentes diante da morte, Jesus chora de amor e porque enfrenta a morte.

Jesus ressuscita Lázaro (11,38-44)

A caminho do sepulcro, Jesus comoveu-se de novo interiormente (cf. 11,33.38). Efetivamente, o Bom Pastor vai ao encontro de Lázaro para lhe falar e ao encontro da morte para a vencer. Por isso, ao chegar ao sepulcro, ordenou: “*Retirai a pedra.*” (11,39).

Marta confirma a morte de Lázaro: “*Senhor, já cheira mal: é o quarto dia!*” (11,39). O irmão estava, de facto, sob o domínio da morte. As palavras de Marta, que então o autor designa como *a irmã do morto* (11,39), colocam-nos no meio da semana de luto e diante do facto da morte de Lázaro.

Entre os rabinos cria-se que a alma rondava o corpo morto durante três dias e que, passado esse tempo, não haveria humanamente mais esperança de vida; ou seja, que ao terceiro dia o corpo se corrompia e a alma entrava definitivamente no reino dos mortos⁵.

Sempre no *lugar* da fé, isto é, na relação de escuta, Jesus diz-lhe: “*Não te disse que, se acreditares, verás a glória de Deus?*” (v. 40). Contudo, Marta

⁴ Cf. G. R. O’Day – S.E. Hylan, John (Louisville, 2006) 112ss.

⁵ Cf. H. L. Strack – P. Billerbeck, *Kommentar*, II, 544.

ainda não acreditava no poder de Jesus de manifestar a glória de Deus, ou seja, de levar o seu irmão à vida⁶.

As três referências à pedra do sepulcro (11,38.39.41) confirmam a situação de Lázaro no domínio dos mortos (cf. 11,39) e preparam a vitória de Jesus sobre a morte. Tirada a pedra, enquanto choravam, o Unigénito levantou os olhos ao céu, como sinal da sua unidade ao Pai, para que a multidão acreditasse que o Pai o enviara e tomasse parte da sua vida em Deus (cf. 11,41-42).

Na realidade, a oração de Jesus não é de petição. Aquele que convidou a família de Betânia e os judeus a escutarem a sua palavra (cf. 11,17-32) dá graças (*eucharisteó* – 11,41) ao Pai por sempre o ouvir. A única repetição do verbo *dar graças* (*eucharisteó*) no Evangelho surge no sinal dos pães e dos peixes (cf. 6,11.23).

O Pai e o Filho vivem em perfeita comunhão e Jesus dá graças ao Pai para que acreditem nele como o Enviado de Deus (cf. 11,42), pois o seu desejo é comunicar à humanidade inteira (ao 'ser' do ser humano) a sua filiação divina.

Então, o movimento, o sentimento, a perturbação e o choro de Jesus culminam no grito joanino descrito de forma mais intensa, maior que o grito da multidão em Jerusalém (cf. 12,12) e maior que o grito dos líderes no pretório (cf. 18,40ss): "*Tendo dito isso, bradou em alta voz (eipōn phōnē megalē ekraugasen): 'Lázaro, vem para fora!'*" (11,43).

De facto, Jesus enfrenta diretamente a morte e vai vencê-la. Ainda descrito como o morto, de imediato, Lázaro saiu com os pés, as mãos e o rosto cobertos. O Senhor disse ainda: "*Libertai-o e deixai-o andar*" (11,44; cf. 9,7).

O Mestre comunica a sua vida pelo poder do seu Logos sem nunca tocar em Lázaro senão pela sua palavra e pela ação da sua palavra naqueles que o escutam, de tal modo, que: 1) removem a pedra; 2) libertam Lázaro; 3) deixam-no andar. Desse modo, o Senhor manifesta o seu poder vitorioso sobre a morte e, ao mesmo tempo, o seu poder de atrair à vida de Deus aqueles que vivem da sua palavra⁷.

Na verdade, este sinal de Jesus une-se especialmente à sua manifestação gloriosa nos discípulos (cf. 20,1ss): em 11,1-44, ao ser acolhida, a palavra de Jesus abre a porta do sepulcro, liberta o morto das cobertas da morte e permite ao que estava morto caminhar; no capítulo 20, Maria encontra a porta do sepulcro aberta, dois discípulos encontram as faixas no chão e o sudário à parte, Maria é enviada aos irmãos e estes chegam à fé, reconhecendo a palavra de Jesus.

⁶ Cf. K. Wengst, *Il Vangelo di Giovanni* (Brescia 2005) 450ss.

⁷ Cf. M. W. G. Stibbe, «A Tomb with a View: John 11,1-44», NTS 40 (1994) 38-54.

Muitos acreditam, alguns dirigem-se aos fariseus (11,45-46)

Muitos dos judeus que tinham vindo consolar a família de Betânia (cf. 11,28-32), e que experimentaram o sinal de Jesus, acreditaram nele. Outros, porém, dirigiram-se aos fariseus e contaram-lhes aquilo que Jesus tinha feito (cf. 11,45-46). Em suma, o poder do Unigénito de ser e de dar a Ressurreição e a Vida e a opção de o acolher, ou não, confirmam-se como duas realidades vitais no quarto Evangelho. Assim, depois de o Bom Pastor ter manifestado o seu amor indo ao encontro do amigo, chamando-o pelo nome, conduzindo-o para fora, libertando-o e deixando-o andar (cf. 11,1-46), vai ao sinédrio e prepara-se para vencer a morte e reunir os filhos de Deus (cf. 11,47-53).

A vontade de Jesus é que os discípulos sejam na sua compreensão, na sua unidade, na sua vida em Deus (cf. 20,31). Nesse sentido, o discípulo amado procura, ao longo de todo o seu testemunho, o encontro do desejo do Unigénito de dar a sua vida e o desejo que todos a desejem como sua. O próprio Jesus diz: *“Quem é de Deus, ouve as palavras de Deus”* (8,47).

Em síntese, na medida em que o homem fizer silêncio e acolher a palavra do Senhor ressuscitado, assim ressuscitará e viverá, tanto assim, que a própria humanidade, como a família de Lázaro, é chamada a ser motivo para que outros ressuscitem e vivam segundo a palavra do Senhor.

Como nos diz o próprio texto, o quarto Evangelho é um testemunho de vida recebida: *Um dos soldados trespassou-lhe o peito com uma lança, e logo saiu sangue e água. Aquele que viu dá testemunho e o seu testemunho é verdadeiro; e ele sabe que diz a verdade, para que também vós acrediteis* (19,34-35).

Tendo Jesus vencido o mal e regressado ao Pai, o Filho deu-nos a conhecer a sua vida gloriosa em Deus (cf. 19,17-42). A revelação de Jesus, que é a sua vida no Pai, é o testemunho do quarto Evangelho (cf. 1,18; 17,3).

Em verdade, o Evangelho nasce, é e finda no domínio da perfeita unidade do Pai e do Filho, fora da qual não o compreendemos. Assim, o quarto Evangelho é, por um lado, um contínuo testemunho da relação de Jesus em Deus e, por outro, uma constante chamada a sermos nessa vida testemunhada⁸.

Com efeito, de acordo com o Evangelho joanino, as doenças que levam o homem à morte, as quais nascem (e se desenvolvem) dos pensamentos humanos errados, morrerão, e a humanidade será curada pelo poder da palavra do Senhor, que nos recria como filhos de Deus e que nos quer como seus irmãos. Para tal, é necessário experimentar, agora e sempre, o poder da palavra daquele que é a Ressurreição e a Vida.

⁸ Cf. J. Beutler, «Faith and Confession: The Purpose of John», in J. Painter – R.A. Culpepper – F.F. Segovia, ed., *Word, Theology, and Community in John*, ed., Fs. R. Kysar, St. Louis 2002, 19-31.